



## **Mulheres no rádio: uma investigação sobre a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen<sup>1</sup>**

Aline Josiane SCHUSTER<sup>2</sup>

Fernanda Kieling PEDRAZZI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### **RESUMO**

O papel da mulher na sociedade se modifica a cada Era, a cada novo contexto social. A mulher que antes era submissa ao homem e se ocupava apenas com os serviços doméstico, hoje ocupa espaços anteriormente considerados masculinos. No entanto, em algumas áreas elas ainda são minoria e têm tido dificuldade para conquistar o seu lugar ao sol, por exemplo, no meio radiofônico. Levando em conta este fato, a presente pesquisa analisou a presença feminina nas rádios de Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, assim como a participação da mulher nessa sociedade. Seu desenvolvimento ocorreu no ano de 2007 quando foram utilizadas entrevistas para captar as histórias orais das mulheres que faziam ou fazem rádio no município escolhido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Frederico Westphalen; mulher; rádio; sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

A radiodifusão é uma conquista humana relativamente recente: data do século XX. No mundo, a transmissão pioneira aconteceu em Nova York, no Natal de 1906. No Brasil, teve início em setembro de 1922, com a transmissão de parte das comemorações do Centenário da Independência. De lá para cá muitas foram as transformações ocorridas com este meio de comunicação de massa que tem como características agilidade, instantaneidade e um grande potencial de comunicação junto a população. Segundo Ferraretto “(...) a radiodifusão sonora está presente na maioria das residências brasileiras”. (1992, p.11) Ouve-se rádio também quando se está em trânsito: no ônibus, no carro, nas lojas, nas ruas. Mas que voz sai dos microfones das rádios?

Infelizmente não há uma igualdade de espaços para homens e mulheres nas emissoras para locução e apresentação de programas de rádio. Basta ligar qualquer aparelho e sintonizar uma emissora qualquer para que se evidencie este fato. Tanto nas

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Iniciacom, Intercom Sul 2008.

<sup>2</sup> Estudante do 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do Cesnors/UFSM, email: aline.schuster@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, campus Frederico Westphalen, RS, e-mail: Fernanda.pedrazzi@gmail.com



rádios de frequência AM quanto nas FM a mulher tem tido uma presença pequena se comparada ao homem. Não é por acaso que há 10 anos surgiu uma rede denominada Rede de Mulheres no Rádio, com o apoio da Organização Não-Governamental Comunicação, Educação e Informação em Gênero (CEMINA).

Conforme Madalena Guillón, fundadora e coordenadora do CEMINA e responsável pela representação institucional e pela secretaria executiva da Rede, em seu texto “A Rede de Mulheres no Rádio”, publicado no *site* Observatório da Imprensa em junho de 2003, a mulher tem tido um papel secundário neste meio, havendo a necessidade de fortalecimento de seu papel. Guillón destaca que as mulheres são a maioria nas escolas de comunicação do Brasil e que, como em outras partes do mundo, “as mulheres vêm ganhando espaços em locais antes só reservados aos homens”. O radiojornalismo, onde a notícia lidera, é um exemplo disso. A preferência por este tipo de programação está vinculada às rádios de frequência AM.

Na cidade de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, existem apenas duas rádios: Rádio Luz e Alegria e Rádio Comunitária. Sendo que a primeira tem caráter regional e abrange mais de 50 municípios do Rio Grande do Sul e oeste catarinense e a segunda tem caráter local, abrangendo apenas a cidade de Frederico Westphalen. Cada emissora possui sua equipe e aparato tecnológico específicos para preparar os programas. Mas as mulheres, aqui, também são minoria na programação.

Ao longo dos anos de radiodifusão em Frederico Westphalen poucas foram as mulheres que estiveram com o microfone nas mãos. DÍAZ BORDENAVE (2005, p. 09) traz em seu texto uma reflexão sobre a sociedade e a comunicação. Ele acredita que “a comunicação não pode ser melhor que a sua sociedade e nem esta melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece. ‘Dize-me como é tua comunicação e te direi como é a tua sociedade’”. Assim se temos meios de comunicação de massa que exclui a voz da mulher, igualmente temos uma sociedade que lhe dá pouco espaço.

MCLEISH (2001, p. 89), por sua vez, diz que a apresentação de um programa é a sua embalagem no rádio. “Se a apresentação for malfeita, será um fracasso. É como pegar um ótimo perfume e comercializá-lo num vidro de remédio”. Assim sendo, trata-se de algo extremamente importante para a emissora definir quem serão os seus apresentadores e locutores. O mesmo autor também escreve que a “vitalidade do rádio depende da diversidade de vozes utilizada e do grau de liberdade no uso de estilos de



frase e expressões locais pitorescos” (2001, p.19) sugerindo, inclusive, que é salutar abertura para vozes diferentes, de ambos os sexos.

Com o objetivo de identificar a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen e avaliar sua participação na história da mídia radiofônica no município, essa pesquisa observou qual o papel que vem sendo cumprido pela mulher na sociedade, fazendo um recorte na questão da presença das mulheres no rádio e na falta da presença feminina nos microfones das emissoras de Frederico Westphalen. Dando oportunidade ao resgate de história e memórias das radialistas que trabalharam nas emissoras de Frederico Westphalen, de modo que as mesmas puderam expressar, através de seu depoimento, a sua experiência profissional à frente dos microfones: seu diálogo com a população, a sua perspectiva da sociedade e as relações interpessoais que permearam o seu trabalho no rádio.

Com este trabalho, as radialistas, apresentadoras ou locutoras, passam a ser vistas como fontes históricas, protagonistas e testemunhas do pequeno espaço que é dedicado ao trabalho de apresentação e locução das mulheres no rádio. Foi utilizada, para tanto, a técnica da história oral para colher estes depoimentos. O município não conta ainda com este tipo de registro relacionado às temáticas do rádio e das mulheres, sendo importantíssimo o seu desenvolvimento para a preservação da memória. MONTENEGRO (1994, p. 16) revela que “à medida que depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor”. Assim sendo, esta é mais uma forma de adentrar nas verdades particulares de cada indivíduo que, por sua vez, ajuda a formar o imaginário coletivo.

Este trabalho justifica-se pela importância social de auxiliar a reconhecer e resgatar a história que não é contada, que extrapola o discurso convencional, oferecendo oportunidade aos entrevistados de elegerem os seus critérios para destacar o que para si é relevante em sua história pessoal em relação a um cenário, neste caso o rádio de Frederico Westphalen/RS. Esta pesquisa torna-se fundamental como meio de contribuir para a comunidade local no que tange a preservação da memória de seu passado, além de ser uma oportunidade de desenvolvimento intelectual para a pesquisadora.



## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O rádio: um meio de comunicação de massa**

A qualidade de compartilhar informação é inerente ao meio rádio. De acordo com MCLEISH (2001, p. 20), o rádio atua como “multiplicador, acelerando o processo de informar a população”. A primeira emissora de rádio brasileira foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 pelo antropólogo Roquette Pinto, tendo como característica uma programação fortemente ligada a cultura, a música e as artes. Neste período, poucos eram os aparelhos receptores na cidade do Rio de Janeiro, uma realidade que mudou somente após o início da fabricação dos aparelhos de rádio no Brasil. Caparelli lembra que, esse meio foi utilizado, de início, apenas por elite urbana. (1986, p. 80).

Depois da entrada da publicidade, nos anos de 1930, para custear os programas que já estavam no ar, o rádio passou por um processo de popularização e, mais tarde, de diversificação. O rádio virou moda e passou a fazer parte do dia-a-dia das pessoas, sendo importante elemento de transformação de comportamentos e atitudes. Atualmente, o veículo encontra-se cada vez mais fragmentado.

A história do rádio no Rio Grande do Sul acompanha a trajetória do veículo em nível nacional. A Rádio Sociedade Rio Grande, fundada em 1924, foi a primeira experiência gaúcha no ramo, porém a emissora não chegou a completar dois anos de existência. Em 8 de fevereiro de 1927 surge aquela que se constituiria na mais conhecida rádio do Estado, a Rádio Gaúcha que iniciou como Rádio Sociedade Gaúcha e que 30 anos depois de seu surgimento é comprada por empresários que a partir daí constituíram o Grupo RBS. A Rádio Gaúcha foi a primeira emissora fundada na capital e hoje forma uma das maiores redes de rádio do país, a Rede Gaúcha Sat.

Em Frederico Westphalen, município localizado no norte do Estado, a primeira rádio a ser instalada foi a Rádio Luz e Alegria, fundada em 1944 pelo Monsenhor Vitor Battistella. A Rádio Luz e Alegria tem frequência AM e FM, abrange 39 municípios do Rio Grande do Sul e 18 municípios do oeste catarinense e possui atualmente 12 funcionários, sendo que apenas um deles é jornalista.

A Rádio Comunitária tem 5 anos de história e foi fundada em 22 de março de 2003. Possui atualmente 17 funcionários sendo que apenas seis deles são contratados pela empresa, os demais atuam como colaboradores. A Rádio Comunitária tem



abrangência local e possui uma sintonia exclusiva, 97.9, já que é comum as rádios comunitárias operarem na frequência 87.9.

Em todo o país, e também no exterior, as emissoras de rádio sofreram pressões de outros meios de comunicação de massa, como quando no surgimento da televisão (no Brasil da década de 1950) e, mais recentemente, da internet. Porém as características do rádio, como a agilidade, a instantaneidade e a mobilidade na apuração da notícia, fazem com que o veículo tenha importância e continue tendo o seu espaço.

## **2.2 O poder de quem está no microfone das rádios locais**

Quem faz rádio hoje não apenas tem poder como também tem responsabilidade sobre aquilo que é levado ao público. Aquele que tem a incumbência de decidir e selecionar no rádio deve ter também a consciência de que está sendo agente social e que tem sua parcela de responsabilidade multiplicada por centenas, milhares de pessoas: tantas quantas forem abrangidas pelo seu trabalho.

Além de ser um “companheiro” para todas as horas, entreter e informar, o rádio também ajuda a população a se instruir, uma grande responsabilidade para quem faz parte está à frente dos microfones. Interferir na opinião pública, divulgar e proporcionar debates públicos, colocar na ordem do dia questões pertinentes: isso tudo faz do rádio um importante espaço no cenário social, com um papel bem específico que é o de interferir na vida das pessoas, possibilitando mudanças sociais. E para isso é preciso ter sensibilidade.

As chamadas rádios locais ou regionais são aquelas encontradas no interior dos estados brasileiros. Elas possuem o seu próprio papel, apesar das dificuldades e limitações inerentes ao seu posicionamento e acessibilidade aos fatos nacionais e também tem a sua parcela de poder junto à população.

Com linguagem especificamente desenhada para atender as características do meio (agilidade, atualidade, síntese, regionalidade, entre outras) os apresentadores, locutores e comunicadores de rádio conseguem conquistar a sua audiência local, segmentando cada vez mais a sua programação, de forma a encaixar-se nas expectativas dos ouvintes.

É comum vermos, na grade de programação de uma pequena emissora de rádio programas diferentes para públicos diversos, mesmo que enquadrados em classes específicas. Para FERRARETTO (2000, p. 53) “em qualquer emissora levam-se em



consideração, de modo genérico, aspectos demográficos e socioeconômicos. No entanto, para segmentar, procuram-se particularidades dentro dessas características globais”.

Quem faz rádio local é testemunha da vida da sua comunidade, escrevendo a história com a oralidade de seu trabalho, fazendo de seu ofício um meio de registrar e difundir as necessidades e anseios de uma população. O rádio local passa a ter esta função: voltar-se à cidade na qual a emissora está estabelecida, ou ainda à região por ela abrangida, de forma a captar as informações locais e divulgá-las para o público específico.

O rádio tem o poder de resumir, de maneira própria, e com simplicidade, o cotidiano da vida das pessoas, e de informá-las a respeito daquilo que não podem acompanhar de perto. E mais: quem define o que vai ser colocado no ar, e ouvido pelos clientes, é o jornalista responsável ou radialista, o que é, com certeza, uma grande responsabilidade.

Sabe-se que as rádios, especialmente as locais, enfrentam uma série de limitações, que começam no número de pessoas disponíveis para realizar as diferentes tarefas e funções dentro de uma emissora. Mas deve-se ter a habilidade e criatividade para fazer as escolhas certas, de modo democrático e sem preconceitos. O modo como as notícias são apresentadas, seja por vozes masculinas ou femininas, sem dúvidas interfere no gosto do ouvinte e na sua avaliação sobre o trabalho desenvolvido em uma emissora. É por isso que é importante definir bem a linha de atuação da empresa radiofônica, seja ela pública ou privada, e lutar para que a técnica não fique estanca e trabalhar para que o objetivo de comunicar seja atingido da melhor forma possível, dando abertura aos profissionais de rádio de ambos os sexos.

### **2.3 História oral**

A história contada por depoimentos orais é uma das mais antigas formas de revisitar o passado. Antes mesmo da invenção da escrita, era através dos relatos que os homens passavam as informações adiante, disseminando experiências, levando os fatos mais importantes do dia-a-dia ao conhecimento de diferentes gerações e formando, assim, uma cadeia de comunicação.



Hoje a história oral tem como objeto a preservação da memória, como uma forma de reconstruir o passado, porém é tida como técnica na qual se torna viável o registro de entrevistas, realizadas, especificamente para este fim.

MONTENEGRO (1994, p. 10) salienta que “o tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingui-se do acontecido; é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer do próprio historiador”. O diálogo estabelecido entre as partes, entrevistador e entrevistado, permite que a versão dos acontecimentos e da história forme uma colcha de retalhos quando em conjunto com outros olhares e visões. É o que o autor chama de “multiplicidade de intersecções”.

Esta visão particular dos fatos deverá ajudar a dar uma amplitude maior ao que se conhece como verdade até aqui, recuperando as vivências de pessoas que foram, sim, presentes na história, mas que muitas vezes são renegadas ao esquecimento. E mais importante: esta amplitude será dada pelos próprios agentes desta história.

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado as nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. (MONTENEGRO, 1994, p. 152)

MONTENEGRO (1994, p. 22) afirma que “o processo de rememoração se torna, muitas vezes, mais rico quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado de lembranças” sendo fundamental que o entrevistador tenha esta percepção.

A narrativa de memórias e lembranças após registrada e transcrita torna-se mais uma fonte de consulta para as ciências sociais e humanas, possibilitando uma ampliação das possibilidades de pesquisa a partir das diversas visões, auxiliando a reconstituir um contexto localizado no tempo e no espaço.

Mas Hall (apud ALMEIDA SANTOS, [http://www.pr.gov.br/arquivo\\_publico/pdf/palestra\\_fontes\\_orais.pdf](http://www.pr.gov.br/arquivo_publico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf)) nos lembra que a história oral está longe de ser uma história espontânea. Para Hall ela não é a experiência vivida em estado puro e por isso devemos ser críticos ao que temos a nossa frente quando do recebimento de uma transcrição de um depoimento, por exemplo.



### 3 METODOLOGIA

O projeto "Mulheres no rádio: uma investigação sobre a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen" foi desenvolvido a partir de caminhos metodológicos a seguir enumerados:

- determinação do tema da pesquisa levando em conta aspectos pessoais e de interesse da comunidade;
- a definição do universo da pesquisa, ou amostragem, que engloba as rádios de Frederico Westphalen, hoje em número de duas (Luz e Alegria e Comunitária);
- pesquisa bibliográfica sobre as temáticas mulheres na sociedade, história oral, rádio, gêneros discursivos com ênfase aos aspectos mais relevantes direcionando-se a análise do objeto de estudo: a participação das mulheres no rádio;
- entrevistas preliminares com os diretores e secretárias das duas rádios de Frederico Westphalen, para conhecer os nomes a serem pesquisados;
- desenvolvimento de um trabalho de resgate e registro das histórias e memórias das mulheres que trabalharam nas rádios como apresentadoras ou locutoras a partir dos pressupostos da história oral;
- transcrição dos depoimentos colhidos para que se possa fazer uma análise mais detalhada de seus discursos;
- análise dos discursos registrados levando em conta a bibliografia sobre estudos Lingüísticos;

Dessa forma, as apresentadoras e locutoras das rádios de Frederico Westphalen que trabalharam neste meio de comunicação marcado tão fortemente pela presença masculina foram entrevistadas a partir das orientações técnicas da história oral com a finalidade de resgatar suas memórias, lembranças que são necessárias para que se possa preencher os espaços vazios de sua ausência na composição da história oficial.



## **4 RESULTADOS**

Através das entrevistas realizadas com os diretores das rádios de Frederico Westphalen, foram levantados oito nomes de mulheres que ocuparam os microfones dessas empresas, mas apenas quatro delas foram entrevistadas. Isso por que as demais não residem na cidade. Destaca-se que essas oito mulheres trabalharam na mesma rádio, a Rádio Comunitária, que atualmente conta com apenas uma mulher trabalhando como locutora, essa ainda é secretária da empresa. Já na Rádio Luz e Alegria, durante seus 40 anos de história, nunca uma mulher trabalhou na locução de programas.

A maioria das mulheres entrevistadas alegou ter deixado a rádio devido a dificuldade de conciliar a vida pessoal, a vida profissional e o trabalho na rádio. Somente uma delas saiu da rádio a pedido da empresa. Outro aspecto comentado por elas, para justificar a falta da voz feminina no meio radiofônico, é o receio da voz, a vergonha. Muitas mulheres não gostam de sua voz no microfone e têm medo de cometer erros. Existe uma grande preocupação com a estética.

Além disso, citaram que ainda existe preconceito com a mulher no rádio, por esse ser um mundo estereotipado masculino, assim como em diversas outras profissões. Segundo as entrevistadas, a mulher ainda não conquistou todo o seu espaço no mercado de trabalho, mas tem enorme potencial para isso e sua presença em qualquer área é muito importante, principalmente na comunicação, onde suas opiniões, sua capacidade e sua competência podem ser expostas.

Para elas a experiência de trabalhar na locução foi bastante válida, pois lhes trouxe muito conhecimento, contatos e uma visão de mundo mais crítica. Comentaram que trabalhavam na rádio por amor e não pelo financeiro, que o jornalismo é um mudo onde você precisa entregar-se, viver para ele, mas que justamente por isso é apaixonante.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o término dessa pesquisa o que se percebe é que o rádio em Frederico Westphalen ainda é um meio dominado pelos homens, já que nessa cidade apenas uma mulher trabalha como locutora atualmente. No entanto, existe sim espaço para as mulheres, o qual é pouco aproveitado. O principal motivo disso é a dificuldade de



conciliar a profissão, a vida pessoal e o trabalho na rádio, isso porque não é possível manter-se com o trabalho de locutora, quando se tem poucos horários.

Esse fato nos leva a concluir, assim como comentaram as entrevistadas, que a mulher ainda não se igualou ao homem no mercado de trabalho. Elas ainda são minoria em várias profissões e algumas vezes são caracterizadas como incapazes, gerando assim um certo preconceito, o que é bastante surpreendente. É estranho pensar que em pleno século XXI, com toda a liberdade de pensamento e expressão, exista alguma discriminação com a mulher, ainda mais em um meio onde as opiniões são levadas ao público e as desigualdades devem ser esquecidas.

Mas ao comparar essa realidade encontrada em Frederico Westphalen com cidades maiores, é possível perceber que não é uma realidade de cidades interioranas. Pegando como exemplo a Rádio Pop Rock, uma rádio da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre e que abrange grande parte do Estado, percebe-se que até mesmo nas cidades maiores a mulher é minoria no meio radiofônico, já que dos 12 comunicadores que a Pop Rock possui, existe apenas uma mulher.

Por fim, é indiscutível que a presença feminina nas rádios é indispensável e que a mulher deveria estar mais presente no meio. Sendo assim, ela deve buscar seu espaço, acabar com as diferenças nessa e em qualquer outra profissão, mostrando que tem capacidade e é tão ou mais competente quanto o homem.

## REFERÊNCIAS

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. ed. São Paulo : Summus, 1986.

CHANTLER, Paul. & HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é comunicação?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2000.

FERRARETO, Luiz Artur. & KOPPLIN, Elisa. **Técnica de Redação Radiofônica**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.



GUILLÓN, Madalena. **A rede de mulheres no rádio**. In Observatório da Imprensa. [http:// observatorio.ultimosegundo.ig.com.Br/artigos/asp1706200394. htm](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.Br/artigos/asp1706200394.htm). Acesso em 24/10/2005.

HALL, Michael. **História oral**: os riscos da inocência. apud ALMEIDA DOS SANTOS, Antonio Cesar de. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. [http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra\\_fontes\\_orais.pdf](http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf). Acesso em 24/10/2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

McLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. Tradução de Mauro Silva. São Paulo : Summus, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

RABAÇA, Carlos Alberto. & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.